

ALTERIDADES, CRUZAMENTOS, TRANSFERÊNCIAS
Direcção: Centro de Estudos Comparatistas
Coordenação: Helena Carvalhão Buescu e João Ferreira Duarte

ACT 27 – GOA PORTUGUESA E PÓS-COLONIAL
Literatura, Cultura e Sociedade

Organização: Everton V. Machado e Duarte D. Braga

Capa: Edições Húmus, a partir de layout de António J. Pedro
Imagem da capa: fotografia de Hugo Cardoso

Revisão: Marta Pacheco Pinto (CEC)

© Edições Húmus, Lda., 2014
Apartado 7081
4764 -908 Ribeirão – V.N. Famalicão
Telef. 926 375 305
humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão
1.ª edição: Novembro de 2014
Depósito Legal: 380436/14
ISBN: 978-989-755-069-0

act.27

ALTERIDADES, CRUZAMENTOS, TRANSFERÊNCIAS

Goa Portuguesa e Pós-Colonial: Literatura, Cultura e Sociedade

Organização de
Everton V. Machado
Duarte D. Braga

húmus

COMPARATISTAS
CENTRO DE ESTUDOS

ÍNDICE

- 9 **INTRODUÇÃO**
Everton V. Machado / Duarte D. Braga
- 13 **GOA E A ORIENTALIDADE**
Kenneth David Jackson
- 39 **O ORIENTALISMO DOS ORIENTAIS –
TRÂNSITOS, CONSENSOS, CONTRADIÇÕES**
Rosa Maria Perez
- 61 **“ENSAIO PANEGYRICO SOBRE A OBRA DO SR. VASCONCELLOS”:
O HINDU NO ORIENTALISMO E NO COLONIALISMO PORTUGUÊS
OITOCENTISTA**
Sandra Ataíde Lobo*
- 81 **UMA NOVA ORDEM PROTESTANTE SOBRE AS RUÍNAS CATÓLICAS
DE GOA: SUGESTÕES E LEITURAS INTERTEXTUAIS DA(S) ÍNDIA(S)
PORTUGUESA E BRITÂNICA EM GOA, AND THE BLUE MOUNTAINS
(1851) DE SIR RICHARD FRANCIS BURTON**
Rogério Miguel Puga
- 95 **A COLABORAÇÃO DE INTELLECTUAIS GOESES NA ESCRITA DA
“HISTÓRIA DE GOA” DA BRITÂNICA ISABEL BURTON**
Filipa Lowndes Vicente
- 109 **OCIDENTALIZAÇÃO / ORIENTALIZAÇÃO EM EPISÓDIO DE
COSTUMES NAS JORNADAS (1874) DE TOMÁS RIBEIRO**
Everton V. Machado
- 125 **A VISÃO DE GOA EM NO ORIENTE... DE ADOLFO LOUREIRO**
Ana Paula Avelar
- 137 **HOSPEDEIROS DO ORIENTE – O LUGAR DO ORIENTE NA
LITERATURA GOESA SOBRE FOLCLORE E MÚSICA NO SÉCULO XX**
Susana Sardo

- 155 THE CURIOUS CASE OF GOAN ORIENTALISM
Jason Keith Fernandes
- 179 POESIA GOESA EM PORTUGUÊS E O TEMA DAS BILADEIRAS:
PROJEÇÕES E PRECONCEITOS NAS METAMORFOSES
DO ROMANTISMO
Joana Passos
- 199 SHIVA, MARX E VASCO DA GAMA: UMA APROXIMAÇÃO AO
NIRVANA DE PAULINO DIAS
Duarte D. Braga
- 219 BREDIA E COIMBRA: QUE TRAJETOS NO DIREITO?
Luís Pedroso de Lima Cabral de Oliveira
- 237 COLONIALISMO E CONFLITO CULTURAL EM *O SIGNO DA IRA DE*
ORLANDO DA COSTA
Hélder Garmes
- 253 A COR DA PELE E AS CASTAS DE GOA, ANTES E DEPOIS DE
O ÚLTIMO OLHAR DE MANÚ MIRANDA DE ORLANDO DA COSTA
Cláudia Pereira
- 273 *ATITUDES QUE O VENTO LEVOU: THE STORIES OF EDUARDO DE*
SOUSA AND THE POST-1961 VISION OF A GOAN ELITE IN DECLINE
Paul Melo e Castro
- 295 *MONÇÃO: CALIBRATIONS AND DECOLONIALIZING MODE*
Gitika Gupta
- 311 "ENTÃO A METRÓPOLE É ISTO".
PENSANDO GOA NA PÓS-COLONIALIDADE PORTUGUESA
Sheila Khan
- 319 TEMPESTUOUSLY GOAN: THE INABILITY OF ERASURE BETWEEN
PROSPERO AND CALIBAN
R. Benedito Ferrão
- 329 RETURNING TO GOA IN LISBON: FRAGMENTS FROM A LATE
COLONIAL ARCHIVE
Christopher Larkosh

A COLABORAÇÃO DE INTELLECTUAIS GOESES NA ESCRITA DA "HISTÓRIA DE GOA" DA BRITÂNICA ISABEL BURTON

Filipa Lowndes Vicente*

Em 1877, Gerson da Cunha¹ publicou um artigo no *The Journal of the Bombay Branch of the Royal Asiatic Society*, onde os cruzamentos entre a Índia Portuguesa e a Índia Britânica ocupavam um lugar central na sua investigação. "The English and their Monuments at Goa" era o título algo equívoco de um ensaio que explorava o modo como as relações luso-britânicas, assim como anglo-francesas, se repercutiram na Índia, e sobretudo em Goa, durante as invasões napoleónicas (Cunha 1878). Pela noção de "Monuments" designava-se os restos materiais – sobretudo o cemitério inglês de Goa e algumas inscrições tumulares – que provavam a presença britânica em território português da Índia, durante o período de ameaça francesa. Este episódio das relações entre o governo português e o britânico só poderia ter sido estudado, neste prisma, por alguém que conhecesse as fontes de ambos os lados.

Pouco tempo depois de ter publicado "The English and their Monuments at Goa" no prestigiado *Journal* da Sociedade Asiática de Bombaim, Gerson da Cunha teve oportunidade de o publicar pela segunda vez num livro que chegaria a um número muito mais diversificado e alargado de leitores – enquanto um dos apêndices ao livro de Isabel Burton *AEI. Arabia, Egypt, India. A Narrative of Travel*, que saiu em Londres em 1879 (Burton 1879, 356). Além de ver o seu artigo impresso num

* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

¹ José Gerson da Cunha foi médico, historiador, colecionador, numismata, nasceu em Goa, Arporá, em 1844 e morreu em 1900, em Bombaim, cidade onde viveu quase toda a sua vida. Estudou medicina em Bombaim, Edimburgo e Londres, antes de regressar a Bombaim para se estabelecer como médico. Dedicou-se também à escrita histórica e exerceu um papel de intermediário intelectual entre a Índia Colonial Britânica e a Portuguesa, sobretudo através da sua ligação ao Bombay Branch of the Royal Asiatic Society. Publicou extensamente, em inglês, sobre a presença portuguesa na Índia em diferentes períodos históricos.

livro de viagens destinado a uma audiência britânica bastante alargada, masculina como feminina, Gerson da Cunha participou de outras formas, menos visíveis, na feitura da obra de Isabel Burton: enquanto revisor, consultor, leitor e também autor. Mas enquanto o seu nome estava claramente identificado enquanto autor do texto em apêndice, a sua colaboração ao longo das secções históricas assinadas por Burton tem de ser descoberta nas entrelinhas, em notas de rodapé ou em referências feitas pela autora ao seu nome, ao longo do texto.

Isabel Burton nunca refere expressamente a presença de Gerson da Cunha nos muitos encontros sociais que teve em Goa, como o faz com outros goeses ou habitantes em Goa, mas deixa claro que o conhece pessoalmente. O “mais ilustre dos intelectuais goeses”, como Isabel o definiu, surge na sua identidade de historiador e não enquanto médico. A propósito da definição etimológica de Goa, a autora invoca um artigo de Gerson da Cunha publicado no prestigioso *Indian Antiquary*, onde este descreve umas inscrições encontradas recentemente em Belgaum que vinham contribuir para o debate sobre a origem da palavra “Goa” (Burton 1879, 304). Isabel Burton reconhece igualmente o facto de ter tido em Gerson da Cunha um leitor atento das suas “Chronological tables for historical reference of the viceroys, the archbishops, and the religious establishments of Goa”.

A propósito da entrada que dedica ao Visconde de São Januário (Governador de Goa entre 1870 e 1872), Isabel Burton afirma que o seu secretário-geral, Tomás Ribeiro, não contribuíra muito para a “morality or the decency” do governo. Depois acrescenta um comentário inesperado:

Dr. da Cunha remarks of this sentence that it is perfectly true, but “nem todas as verdades se dizem” [sic]. I have ever laboured, and I ever shall labour, to imitate that “admirable pagan”, Ammianus Marcellinus, the historian, who “never willingly corrupted Truth, either by falsification or by silence”. (Burton 1879, 474)

Por um lado, Isabel admite claramente que o seu texto fora revisto por um historiador local – Gerson da Cunha –, a melhor forma de reduzir a distância existente, à partida, entre a observadora e o seu objecto de estudo. Por outro lado, assume-se como historiadora empenhada em transmitir a verdade. O seu estatuto independente, o seu olhar de fora e de passagem permitem-lhe ultrapassar os constrangimentos do seu

revisor, para, ao contrário deste, poder “dizer todas as verdades”, mesmo uma crítica a uma figura importante, e muito recente, do governo colonial português como era Tomás Ribeiro. A última frase do livro de Isabel Burton é também uma nota de agradecimento ao seu “friend Dr. da Cunha”, por lhe ter fornecido duas referências bibliográficas, desta feita a propósito de um dos arcebispos de Goa (Burton 1879, 488).

Mas é sobretudo no texto que publica e assina no apêndice ao livro de Burton que Gerson da Cunha se afirma como historiador, como agente de conhecimento que escreve em inglês e publica em revistas ou livros britânicos, na Índia ou na Europa. A Índia Portuguesa do presente, mas sobretudo de um passado centrado nos séculos XVI, XVII e XVIII, é o seu principal objecto de estudo, o tema ao qual dedicará toda a sua obra historiográfica. Mas não é em Goa ou em Portugal que ele publica. Nem é em português que escreve. É precisamente neste cruzamento – “at the borderlines between cultures”, para usar a expressão que Gyan Prakash invoca num outro contexto – que ele inscreve a história da Índia Portuguesa na historiografia britânica sobre a Índia (Prakash 2000, 8).

Quer a sua experiência de profissional da medicina, quer os seus interesses intelectuais multifacetados são indissociáveis de instituições culturais ou universitárias anglo-indianas ou britânicas. A sua afirmação enquanto orientalista passou também pela participação nos meios de comunicação e nas instituições de cultura indo-britânica: iniciou-se com a colaboração em revistas como o *Indian Antiquary*, mas consolidou-se sobretudo com o seu envolvimento numa instituição como a Royal Asiatic Society of Bombay, onde a sua ligação foi muito para além da escrita de artigos na revista, pois chegou a ser vice-presidente quer desta sociedade, quer da Anthropological Society of Bombay que lhe estava associada (Vicente 2009-2010). Ao mesmo tempo, as suas origens goesas – e o facto de ser um goês católico e brâmane – pontuam todos os seus trabalhos de investigação e a sua escrita. A Índia Portuguesa, em geral, surge como o tema comum na teia fragmentada dos seus trabalhos. Uma fragmentação que ele ambicionava contrariar numa obra geral e unificadora sobre a história do *Oriente Português* que nunca chegou a conseguir realizar (Vicente 2010).

Como que para justificar o facto de publicar um texto académico de outra pessoa no interior do seu relato de viagem, Isabel Burton identificou o texto como sendo uma nota ao capítulo sobre a Inquisição em

Goa, e colocou-o em apêndice. Acrescentou, ainda, uma pequena nota onde introduziu o autor e o tema tratado:

Before I left, Dr. T. [sic] Gerson da Cunha, the most educated and cultivated native of Goa I have ever met, son-in-law of Dr. Da Gama, presented me with the following interesting account of the English and their monuments at Goa, which I am sure will be so interesting to Englishmen that I venture to introduce it here. (Burton 1879, 425)

Como que respondendo à honra de poder dar a conhecer o seu texto a um vasto público britânico, Gerson da Cunha antecedeu-o de um elogio e de uma dedicatória ao “distinguished traveller Captain Richard F. Burton, British Consul at Trieste”. O historiador goês não dedicou o seu trabalho acerca de um “interesting, though little known, historical episode of his great nation in India” à mulher que lhe dava a oportunidade de o publicar, mas sim à pessoa com a qual queria ser identificado e reconhecido, o já então prestigiado Richard Burton, seu marido.

Fora um evento contemporâneo discutido pela imprensa periódica da *Índia Portuguesa* e da *British India* – o novo tratado de comércio a ser assinado entre os governos português e britânico da Índia em 1878 –, que servira de pretexto a Gerson da Cunha para analisar um aspecto pouco estudado da história da Índia. Conhecedor das duas Índias contemporâneas, como das duas Índias do passado, Gerson da Cunha tinha acesso às duas versões da história, e às duas línguas em que esta estava escrita. Com um extenso recurso a documentação francesa, britânica e portuguesa, o seu texto revelava as pretensões britânicas à colónia portuguesa durante o período das invasões napoleónicas em inícios de Oitocentos.

Os jornais anglo-indianos argumentavam que a Grã-Bretanha tinha controlado o governo de Goa durante os dezassete anos que durou a ameaça francesa, na transição entre os séculos XVIII e XIX e, generosamente, tinha procedido à devolução do mesmo território a Portugal; porém, os jornais da Índia Portuguesa contestavam essa tese (Shirodkar 1978). Num curioso livro publicado logo em 1877, Félix Pereira compila os artigos que publicara no jornal *A Índia Portuguesa*, onde escrevera sobre os perigos do tratado de comércio entre os governos português e inglês que deram azo às referidas discussões nos periódicos de Goa e Bombaim (Pereira 1877). O autor alerta para o interesse da

Grã-Bretanha em adquirir a colónia portuguesa e para os modos como o pretendia fazer – fomentando a decadência de Goa através de estrangimentos comerciais.

Porque é que um intelectual goês de Bombaim surge como um dos principais colaboradores de uma mulher escritora de nacionalidade britânica que realizou o gesto, algo inédito, de dar voz aos seus informadores locais? Para descrever a Goa do presente, Isabel Burton confiou sobretudo na sua visão de viajante observadora, apoiada nas impressões que o seu já famoso marido, Richard, deixara escritas trinta anos antes, na sua *Goa, and the Blue Mountains*, dispensando o ponto de vista dos seus habitantes (Burton 1991). Mas, ao escrever sobre o passado de Goa, recorreu a vários eruditos locais, goeses sobretudo, mas também portugueses que lá viviam temporariamente, desempenhando sobretudo funções na administração colonial. Ao pedir a colaboração dos locais na construção da sua própria história, Isabel Burton surgiu como intermediária entre a tradição erudita local e um público inglês, na Índia Britânica ou na Grã-Bretanha, que dificilmente poderia ter acesso a um conhecimento mais aprofundado da colónia portuguesa.

Num gesto pouco usual por parte de um escritor de viagens, menos usual ainda num contexto colonial, Isabel Burton estabeleceu ligações de trabalho com *savants* locais que são reconhecidas no texto. Estes não surgiam apenas como intermediários entre dois mundos, como poderia acontecer, por exemplo, no caso do antropólogo que, para aceder a uma determinada cultura, se faz guiar por um local, mas que no resultado final do seu trabalho acaba por anular o papel do seu informador. Os exemplos de colaboração com locais, presente nas entrelinhas de livros sobre a Índia escritos por britânicos, são inesgotáveis e muitas vezes têm um lugar ambíguo no conjunto do texto: podem funcionar como formas de legitimar aquilo que um não-indiano está a escrever sobre a Índia, mas também podem reduzir o papel dos colaboradores, remetendo-os para um lugar menor em relação ao trabalho que poderiam ter tido no texto. Como poderíamos pensar no caso destes locais? Eles próprios são agentes deste saber. No seu contexto identitário, já tinham um lugar enquanto agentes de conhecimento, pois tinham dado provas escritas da sua vocação histórica e arqueológica ou pertenciam a instituições e publicações locais. No entanto, a sua voz era local fazendo-se sentir apenas num círculo geográfico e intelectualmente restrito.

A referida colaboração sugere várias questões, revelando as abordagens múltiplas e contraditórias com que a viajante olhou para Goa e os vários níveis de observação e de interacção que estabeleceu. A inexistência de estruturas turísticas em Pangim assim como a escassez de forasteiros tornavam quase inevitável que os poucos viajantes que chegavam a Goa estabelecessem relações com as elites locais. O casal Burton frequentou algumas das principais famílias de Pangim, tanto em jantares, como em fins de tarde na praia, e a hospitalidade e simpatia com que foram recebidos são mencionadas por Isabel que, talvez como forma de agradecimento, chega a referir nomes específicos. Por outro lado, ela é extremamente crítica em relação à sociedade goesa para a qual não poupa palavras ofensivas e jocosas, numa ridicularização que é mais frequente em diários sem intenção de publicação do que num livro que seria publicado e lido. Até em Goa. Este é o mais óbvio contraste na relação de Isabel Burton com Goa: o facto de fazer uso de um sarcasmo condescendente em relação à cidade de Pangim e aos seus habitantes, recorrendo mesmo a adjectivos pejorativos para os descrever, não a impede de demonstrar um enorme interesse pelo passado histórico da região, pelo seu símbolo religioso mais estrutural, ou, mesmo, pelos homens que contribuíam para a construção deste mesmo passado. A superioridade arrogante demonstrada em relação a Goa e aos seus habitantes anónimos não a impediu de estabelecer relações de amizade com figuras individualizadas, nem de permitir que alguns deles inscrevessem o seu conhecimento sobre a própria terra ao lado da sua voz de autora estrangeira.

Podemos também perguntar se o seu género deve ser tido em conta para explicar esta relação de trabalho com os eruditos locais, aqueles que produziam conhecimento sobre Goa mas só o faziam num contexto muito circunscrito que habitualmente não ultrapassava as fronteiras da Índia Portuguesa. Será que o facto de ela ser mulher, ou seja, de estar sujeita aos limites impostos por uma cultura patriarcal que inferiorizava o género feminino enquanto agente de conhecimento e dificultava o seu acesso à escrita e à publicação terá contribuído para a cumplicidade demonstrada com aqueles que, de outros modos, também estavam do lado de baixo das hierarquias, desta feita as hierarquias coloniais? Pensamos que não. Isabel Burton não questiona a sua posição de colonialista, nem a legitimidade da empresa imperial britânica, do mesmo modo que o facto de ela ser viajante e escritora, desafiando as condi-

cionantes do seu género, não a torna mais atenta às condições de vida das mulheres (Vicente 2012b). Cremos, no entanto, que o seu género foi determinante num outro sentido. As limitações de uma mulher ao assumir uma linguagem que, tradicionalmente, era masculina podem ter levado Isabel Burton a procurar um aval duplamente certificador – do género masculino de quem dominava a palavra escrita e da nacionalidade sobre a qual ela escrevia.

Sem poder personificar-se enquanto historiadora, papel que ainda não estava disponível a uma mulher durante este período, podia, no entanto, escrever um livro de viagens. A subjectividade não-científica associada a este modelo de narrativa já podia ter uma voz feminina, como o demonstra a multiplicação de relatos de viagem escritos por mulheres durante este período, mulheres que não podiam participar activamente na construção do império mas podiam descrevê-lo (Bassnett 2002; Ghose 1998; Jayawardena 1995). Isabel Burton escreveu um livro de viagens que serviu de invólucro para um livro que também era de história. Por sua vez, a chancela dos eruditos locais deu-lhe a legitimidade que o seu género não lhe facultava. A Viscondessa Falkland, por exemplo, mulher de Lord Falkland, também recorreu ao formato do apêndice final para introduzir um documento histórico num livro que se apresentava como um relato de viagens na Índia, no Egipto e na Síria (Falkland 1857, i-ix). E tal como Isabel Burton, também publicou a tradução de documentos em língua portuguesa que interessavam à história britânica na Índia – a correspondência do século XVII acerca da passagem de Bombaim para mãos inglesas que se encontrava no Arquivo de Goa. Mas, ao contrário de Isabel Burton, não parece ter estabelecido relações com os locais nem frequentado os arquivos de Goa, tendo recorrido ao trabalho já publicado de Thomas Best Jarvis, um militar britânico que realizou descrições de vários territórios indianos e mesmo uma reflexão histórica e um balanço sobre os *surveys* na Índia (Jarvis 1840).

Após a descrição das experiências partilhadas com o seu marido Richard e as suas impressões pessoais da colónia portuguesa em 1876, o *AEI. Arabia, Egypt, India* finaliza com três capítulos de carácter histórico que contrastam claramente com o resto da narrativa: “The Civil and Religious History of Goa”; “The Career of St. Francis Xavier” e “On the Inquisition of Goa”. Ao longo destas três secções, a autora aprofunda o seu interesse pelo passado da região que o dia-a-dia do casal, feito de

visitas aos monumentos de Velha Goa, já fizera antever. O livro termina com dois longos apêndices: a reprodução do já referido artigo de José Gerson da Cunha, cujo tema Isabel Burton considerou ser de interesse para o seu público inglês; e uma tábua cronológica, para referência histórica, dos vice-reis, arcebispos e estabelecimentos religiosos de Goa, onde a autora inclui todas as notas de rodapé que omitira no texto principal, com múltiplas referências bibliográficas a documentação em língua portuguesa (Burton 1879, 446-474).

Numa pequena nota onde descreve a construção da tábua cronológica, assume a estreita colaboração com os eruditos goeses, de modo indirecto, através da reprodução dos seus textos e, de modo directo, através da sua própria participação, oral ou escrita:

In writing this Appendix I have taken de Kloguen for my skeleton or plan. He chronicles, after a meagre fashion, the Viceroy's up to 1827, and the Ecclesiastical Government up to 1812. I then added the list made by his Portuguese translator [Miguel Vicente de Abreu]. I have enriched and embellished the original sketch from Portuguese Mss, old books, and conversation with aged natives; and added the still remaining unchronicled period from 1812 to 1878 (68 years) from notes collected by me from the above mentioned sources at Goa itself. I have submitted them to our friend, Dr. da Cunha, who has been so kind as to correct and amplify them. (Burton 1879, 478)

O apêndice de Isabel Burton assume-se, assim, como uma continuação do trabalho que Kloguen publicara 50 anos antes (Kloguen 1831; Burton 1879, 478, 485)². Por um lado, completa a cronologia que parara à data da sua publicação e, por outro, aproveita para corrigir alguns erros encontrados na sua versão dos acontecimentos. De uma extrema erudição, o texto do apêndice e as notas de rodapé remetem o leitor para outros materiais onde aprofundar o conhecimento sobre diversos aspectos da história goesa que dificilmente poderiam ser do conhecimento de alguém estranho ao contexto local. Por vezes também contraria as ideias de Kloguen acerca de fenómenos históricos: quando ele alega que parte daquilo que se escreveu acerca da inquisição foi um exagero, ou quando ele critica o governo do Marquês de Pombal (Bur-

² Cottineau dedica o livro ao Major-General Sir John Malcolm e aos membros do Bombay Auxiliary of the Royal Asiatic Society, da qual ele também era membro. O livro voltou a ser publicado em 1910, enquanto *Souvenir of the Exposition at Goa*.

ton 1879, 478, 485). Como afirma Isabel, numa frase que revela a preocupação de objectividade histórica do seu texto, o estudante de história aceitará com grandes reservas a opinião de um padre católico do tempo da Inquisição acerca do Marquês de Pombal. Ela, pelo contrário, ao longo do texto, revela a sua simpatia pela figura de Pombal, predisposição esta que se poderia inserir na habitual leitura britânica da história portuguesa (Burton 1879, 363, 369).

Como Isabel Burton reconhece, o intelectual goês Miguel Vicente de Abreu corrigira e aumentara todo o apêndice³. Ele, que já tinha sido o tradutor de Cottineau de Kloguen, tal como seria também o tradutor de Dellon, agora escrevia as entradas sobre os vice-reis e governadores de Goa entre 1827 e 1875 e é muito provável que também tenha sido ele a acrescentar grande parte das referências bibliográficas (Kloguen 1858; Dellon 1866). Algumas destas eram obras escritas ou publicadas recentemente por intelectuais locais – goeses como José Gerson da Cunha ou Filipe Nery Xavier, ou portugueses como Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e Claudio Lagrange M. de Barbuda, ambos temporariamente na Índia. Outras referências bibliográficas consistiam, por exemplo, em números específicos do *Boletim do Governo do Estado da Índia* ou dos *Annais Marítimos e Coloniais*.

É evidente que tanto Gerson da Cunha como Miguel Vicente de Abreu tiveram um papel muito importante enquanto revisores do texto; no entanto, existe uma diferença substancial no reconhecimento que Isabel Burton dá a cada um deles. O papel determinante que Miguel Vicente de Abreu assumiu na construção da história de Goa proposta por Isabel para um público britânico não é tão enfatizado como o de José Gerson da Cunha, tendo o seu nome que ser descoberto nas entrelinhas do texto, ou em notas de rodapé. Porque é que o destaque atribuído a Gerson da Cunha é substancialmente maior do que aquele concedido a Vicente de Abreu? Cremos que o facto de, ao contrário de Miguel Vicente de Abreu, Gerson da Cunha ser um goês de formação britânica que não só falava e escrevia na mesma língua de Isabel e Richard Burton, como falava a mesma linguagem, tenha contribuído muito para o seu maior protagonismo. Ao ter publicado artigos em lugares como o *Indian Antiquary* ou o *Journal of the Bombay Branch of the Royal Asiatic*

³ Ver Aleixo Manuel da Costa. [S.d.]. Abreu, Miguel Vicente de. In *Dicionário de Literatura Goesa. Vol. I (A-F)*. Macau: Instituto Cultural de Macau/Fundação Oriente.

Society, Gerson da Cunha já tinha sido legitimado pelos instrumentos da cultura britânica que se desenvolveram na Índia ao longo do século XIX. Possuía o conhecimento dos dois mundos nos quais se movia, o da *Índia Portuguesa* e o da *British India*, e este duplo olhar colocava-o numa posição que lhe permitia ser reconhecido (e lido) pelos britânicos de uma forma que não tinha equivalência no caso dos goeses que produziam conhecimento – publicando artigos e fontes históricas ou colaborando em revistas ou instituições de cultura –, mas que o faziam a partir de Goa e escrevendo em português.

Isabel Burton surge como a intermediária entre a tradição erudita local e um público inglês, na Índia ou na Grã-Bretanha, que dificilmente teria um conhecimento aprofundado da colónia portuguesa. Entre os múltiplos textos que integra na narrativa final encontra-se, em grande destaque, aquele que o seu marido escrevera e publicara décadas antes. Além das referências, naquele período, a relatos de viagem a Goa escritos em séculos anteriores. A sua originalidade, mesmo que não propositada, está, no entanto, no facto de reconhecer as vozes locais – a dos goeses que se dedicavam à investigação histórica sobre Goa –, de as utilizar de modo mais ou menos assumido no seu texto e a de transferir conhecimento produzido num contexto colonial muito específico para o contexto da produção, maciça, de relatos de viagem sobre a Índia publicados na Grã-Bretanha.

Muitos factores poderiam ser invocados para nos ajudar a compreender estas diferentes colaborações: em primeiro lugar, as próprias características de Goa, pouco desenvolvida turisticamente, obrigavam os viajantes a uma interacção com os seus habitantes; o facto de Isabel Burton querer legitimar e aprofundar a sua pesquisa histórica sobre Goa com visitas a arquivos exigia, naturalmente, a intervenção de elites locais. Por outro lado, o facto de Isabel, e sobretudo Richard, falarem português facilitava o diálogo e a interacção. Antes de chegar a Goa já passara dois meses em Portugal (Burton 1898) e dois anos no Brasil (Burton R. 1869) e, mais tarde, Isabel publicará a sua tradução da obra *Iracema* de Alencar (Alencar 1886). Do mesmo modo, o facto de já ter vivido em lugares onde o Catolicismo era a religião oficial constituiu-se como um ensaio para a experiência de Goa. Em Lisboa, a autora descreve a sua participação numa procissão real para celebrar o *Corpus Christi*, e no Brasil, para onde partiu depois, Isabel Burton terá tido muitos tipos de contacto com os rituais e práticas do catolicismo (Burton

1898, 237-239). Estas características, aliadas ao nome já reconhecido do seu marido, autor de inúmeros livros, outorgava-lhes um prestígio que também ajuda a explicar o interesse de Gerson da Cunha em publicar o seu artigo em apêndice ou a solícita colaboração de Miguel Vicente de Abreu. Apesar de este, e como já afirmámos, ter tido um papel fundamental na revisão e mesmo escrita das muitas páginas que Isabel Burton dedica a Goa, o seu trabalho não é tão valorizado como o de Gerson da Cunha, goês mas entre os dois mundos indianos. Poderíamos encontrar nestas hierarquias mais ou menos subtis entre as diferentes vozes goesas uma marca de uma hierarquia, essa sim latente e vigorosa – a de uma Índia Britânica que olhava para a Índia Portuguesa como um laboratório colonial do passado, mas não como uma ameaça ou um rival no presente. Apesar da inferioridade atribuída ao género feminino da autora, sobretudo enquanto produtora de conhecimentos académicos, a sua nacionalidade britânica permite-lhe dominar a palavra. E decidir a quem também dar voz no processo de escrita.

OBRAS CITADAS

- ALENCAR, José de. 1886. *Iracema, the Honey Lips: a legend of Brasil*. Tradução de Lady Isabel Burton. Londres: [s.n.].
- BASSNETT, Susan. 2002. Travel Writing and Gender. In *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Edição de Peter Hulme e Tim Youngs. Cambridge: Cambridge University Press, 225-241.
- BURTON, Isabel. 1898. Chapter IV – A Trip to Portugal (1863-1865). In *The Romance of Isabel Lady Burton. The Story of her Life Told in Part by herself and in Part by W. H. Wilkins*, de Isabel Burton. Londres: Hutchinson & Co, 226-243.
- . 1879. *AEI. Arabia, Egypt, India. A Narrative of Travel*. Londres e Belfast: William Mullan and Son.
- BURTON, Richard F. 1991 [1851]. *Goa, and the Blue Mountains; or, Six Months of Sick Leave*. Edição de Dane Kennedy. Berkeley, LA: University of California Press.
- . 1869. *Explorations of the Highlands of Brazil*, 2 vols. Londres: Tinsely Brothers.
- COSTA, Aleixo Manuel da. [S.d.]. *Dicionário de Literatura Goesa, vol. I (A-F)*. Macau: Instituto Cultural de Macau/Fundação Oriente.
- CUNHA, José Gerson da Cunha. 1878. The English and their Monuments at Goa. In *The Journal of the Bombay Branch of the Royal Asiatic Society*. 1877. Bombay: Society's Library, 109-130.

- DELLON, Mr. 1866. *Narração da Inquisição de Goa, Escrita em Francez por Mr. Dellon, Vertida em Portuguez, e accrescentada com varias memorias, notas, documentos e um appendice, contendo uma noticia que da mesma inquisição deu o inglês Claudio Buchanam, por Miguel Vicente de Abreu, "Duas palavras sobre a obra", por Joaquim Heliodoro de Cunha Rivara*. Tradução de Miguel Vicente de Abreu. Nova-Goa: Imprensa Nacional.
- FALKLAND, The Viscountess. 1857. *Chow-Chow; Being Selections from a Journal Kept in India, Egypt, and Syria*, vol. II. Londres: Hurst and Blackett.
- GHOSE, Indira. 1998. *Women Travellers in Colonial India. The Power of the Female Gaze*. Nova Deli: Oxford University Press.
- JAYAWARDENA, Kumari. 1995. *The White Woman's Other Burden. Western Women and South Asia during British Colonial Rule*. Nova Iorque e Londres: Routledge.
- JARVIS, Major T. B. [Thomas Best]. 1840. Extract from Major Jarvis' Statistical and Geographical Memoir of the Western Coast of India – Section, Revenue and Land Tenures; Memoir of the Origin, Progress and Present State of the Surveys in India. In *Transactions of the Bombay Geographical Society*, vol. 4. Calcutá: The Baptist Mission Press, 1-128, 133-154.
- KLOGUEN, Denis L. Cottineau de. 1995 [1831]. *An Historical Sketch of Goa. The Metropolis of the Portuguese Settlements in India. With an Account of the Present State of the Celebrated City, and of the Surrounding Territories under its Immediate Jurisdiction, Collected from the Most Authentic Sources*. Nova Deli e Madras: Asian Educational Services.
- . 1858. *Bosquejo Historico de Goa Escrito em Inglês pelo Reverendo Diniz L. Cottineau de Kloguen Vertido em Português e Acrescentado com Algumas Notas e Rectificações por Miguel Vicente de Abreu*. Nova-Goa: Imprensa Nacional.
- PEREIRA, António Félix. 1877. *Tratado do Comércio entre as Possessões Portuguesas e Inglesas. India. Esclarecimentos*. Nova-Goa: Imprensa Nacional.
- PRAKASH, Gyan. 2000. *Another Reason. Science and the Imagination of Modern India*. Nova Deli: Oxford University Press.
- RIBEIRO, Tomás. 1871. *Entre Palmeiras: de Pangim a Salcete e Pondá: visita do Governador Geral do Estado da Índia Visconde de Sam Januário*. Nova-Goa: Imprensa Nacional.
- SHIRODKAR, Dr. P. P. 1978. British Occupation of Goa (1799-1815). *Colloquium. Journal of Goa Institute for Historical and Cultural Research* I (1): 45.
- VICENTE, Filipa Lowndes. 2012a. A Photograph of Four Orientalists (Bombay, 1855): Knowledge Production, Religious Identities and the Negotiation of Invisible Conflicts. *Journal of the Economic and Social History of the Orient* 55 (2/3): 603-636.

- . 2012b. Género e colonialismo: a escrita feminina sobre a Índia colonial portuguesa e britânica. In *O Império Colonial em Questão (sécs. XIX-XX): poderes, saberes e instituições*. Edição de Miguel Bandeira Jerónimo. Lisboa: Edições 70, 487-514.
- . 2010. Orientalismos periféricos? O historiador goês José Gerson da Cunha (Bombaim, 1878). *Ler História* 58: 27-46.
- . 2009-2010. The Goan Historian José Gerson da Cunha at the Bombay Branch of the Royal Asiatic Society (1870-1900). *Journal of the Asiatic Society of Mumbai* 83: 128-136.